


**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP

JESSICA ROMANIN MATTUS

**JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO E A TRADIÇÃO CLÁSSICA**  
**NO SÉC. XIX:**

Memória sobre a segunda égloga de Virgílio



ARARAQUARA – S.P.  
2013

JESSICA ROMANIN MATTUS

**JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO E A TRADIÇÃO CLÁSSICA  
NO SÉC. XIX:**

Memória sobre a segunda égloga de Virgílio

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:** Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

**Bolsa:** Cnpq - Pibic

ARARAQUARA – S.P.  
2013

JESSICA ROMANIN MATTUS

**JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO E A TRADIÇÃO  
CLÁSSICA DO SÉC. XIX: Memória sobre a segunda égloga  
de Virgílio**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:** Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

**Bolsa:** Cnpq - Pibic

Data da defesa/entrega: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Nome e título**  
Universidade.

---

**Membro Titular: Nome e título**  
Universidade.

---

**Membro Titular: Nome e título**  
Universidade.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marco Aurélio e Deize, pela confiança e suporte oferecidos durante os anos da graduação, em todas as situações (desde os de desesperos por algum trabalho ou seminário, até aos da vida em república). E não só eles, mas aos meus irmãos, Ibrahim e Mateus, e demais familiares, que sempre se fizeram presente me incentivando em minhas escolhas.

Ao meu orientador, Brunno V. G. Vieira, pela oportunidade da pesquisa, pelo tempo dedicado a orientação e, portanto, pela contribuição à minha formação acadêmica.

Aos demais professores da área de latim do Departamento de Linguística da UNESP – FCLAr, por despertar nos alunos o gosto pela literatura latina, bem como pelo estudo do idioma. Em especial ao professor João Batista Toledo Prado, que me ajudou (mesmo sem ter conhecimento) a não desistir do curso no primeiro ano.

Ao CNPq - PIBIC, pelo subsídio que fez ser possível a realização da pesquisa.

À Talita Marine, minha professora de Literatura e Redação do colegial, a qual sempre considerei modelar, e que me indicou o curso de Letras desta faculdade.

Às meninas da República Fada Verde: às que me acolheram no primeiro ano e que foram para mim exemplo de companheirismo, amizade, de envolvimento e empenho para com a faculdade, de integridade, de respeito e tolerância. Às que seguiram, nos outros anos (em especial a primeira bixete, às colegas de quarto e às últimas bixetes), pela oportunidade da convivência, pela companhia e por tudo de bom que me propiciaram. Aprendi com todas elas que a alegria é maior quando é compartilhada, e reafirmo o que já trazia de casa: casa feliz é casa cheia.

Às meninas da dança, principalmente às da dança e das letras, Alice e Verona, e a nossa fada madrinha Tatiana Nakae. Também aos diletos do latim, Amália e Ewerton, e aos amigos Eduarda, Marília, Analaura e Sérgio; cada qual com uma importante influência. Também ao Bruno, menos pelo inglês, mais pela atenção e afeto de sempre.

“Felizmente não vemos senão detalhes. Se alguém pudesse encarar uma alma até às maiores profundidades, e ver ao mesmo tempo de que ternura, de que ânsia, de que desespero e de que tempestades essa alma é capaz, nunca mais podia desviar os olhos desse espetáculo. Fosse ela a minha alma ou a tua alma. Era o mundo todo, era o universo.” Raul Brandão (s/d, p.60)

## RESUMO

Buscando contribuir com as pesquisas no campo da recepção da literatura greco-romana no Brasil, este trabalho visa a estudar e divulgar a obra tradutória bem como empreender os estudos sobre temas clássicos de José Feliciano de Castilho, tendo como cópula um dos comentários da Grinalda da Arte de Amar. No comentário, o anotador traduz e comenta a segunda égloga de Virgílio, buscando encontrar argumentos que provem que o mantuano, ao contrário do que diziam alguns estudiosos, não era pederasta. A segunda égloga trata do amor não correspondido de um pastor chamado Córídon por um escravo chamado Aléxis. Segundo a interpretação homoerótica, haveria uma analogia de Córídon com Virgílio, e Aléxis seria algum mancebo de nome Alexandre por quem Virgílio havia se apaixonado. Castilho José não achava válida a analogia, uma vez que Virgílio imitava o estilo dos gregos, mais especificamente o de Teócrito, cujos idílios são citados e traduzidos para provar a refutação da hipótese de homossexualidade virgiliana.

**Palavras – chave:** José Feliciano de Castilho. Tradição clássica. Tradução e recepção.

## ABSTRACT

Seeking to contribute with researches on Greek and Roman Literature in Brazil, this essay aims to study and spread the translations and the works about classical themes by José Feliciano de Castilho, taking as corpus his comments from *Grinalda da Arte de Amar*. Among those notes, our main corpus is the translations and comments about the Virgil's second eclogue. Castilho seeks to find arguments to prove that the Roman poet, unlike some scholars say, was not a pederast. He refuses the interpretation that the second eclogue is about unrequited love from a shepherd named Corydon for a slave named Alexis. According to the homoerotic reading, there would be an analogy for Corydon with Virgil and Alexis would be some youth named Alexander by whom Virgil would've fallen in love. Castilho José doesn't think this analogy valid, since Virgil emulates the Greek style, specifically Theocritus's style, whose idylls are quoted and translated to prove his rebuttal on the hypothesis of Virgil homosexuality.

**Keywords:** José Feliciano de Castilho, classic tradition, translation and reception.

## **SUMÁRIO**

<b>1) INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Metodologia</b>	<b>10</b>
<b>2) DESENVOLVIMENTO</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Pederasta? Discussão sobre a defesa de Castilho José</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Sobre a obra</b>	<b>13</b>
<b>3) MEMÓRIA SOBRE A SEGUNDA ÉGLOGA</b>	<b>14</b>
<b>4) CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIA</b>	<b>34</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO</b>	<b>37</b>
<b>Anexo 1 – Tradução de serviço da segunda égloga</b>	<b>38</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Buscando contribuir com a pesquisa de traduções lusófonas dos clássicos greco-romanos e com a recepção desses textos em nossas letras, o projeto *José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no séc. XIX* procurou inventariar, estudar e divulgar a obra tradutória e os estudos sobre temas clássicos de José Feliciano de Castilho<sup>1</sup>. Trata-se de um distinto luso-brasileiro – como bem definiu o seu biógrafo Hélio Vianna (1950, p. 482) – que viveu no Rio de Janeiro de 1847 até sua morte em 1879. Ele possui uma obra vastíssima de filólogo, latinista e tradutor de latim como bem testemunham as edições comentadas dos quinhentistas Fernão Mendes Pinto e João de Lucena, os estudos sobre a obra de Camões e Bocage, os comentários a Virgílio e Ovídio, além das traduções de excertos de Propércio, Virgílio, Marcial, Lucano e Sêneca.

Em 1858 vem a lume sua obra mais notável no campo dos estudos greco-romanos, trata-se da monumental edição dos *Amores* de Ovídio composta pela tradução – ou paráfrase, como os autores preferem chamá-la – de Antônio Feliciano de Castilho em 3 volumes e pela “Grinalda Ovidiana” redigida por Castilho José, um compêndio de notas, comentários e referências intertextuais de Ovídio que perfaz um total de 8 volumes, 785 páginas.

A *Grinalda Ovidiana* recebeu elogios do romancista Joaquim Manuel de Macedo no necrológio que dedica a Castilho José, seu confrade no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, resenha com entusiasmo essa obra de latinista:

Na *Grinalda Ovidiana*, apêndice à paráfrase dos *Amores*, José Feliciano revelou-se latinista de profundo conhecimento da língua de Cícero, de Horácio, de Virgílio e de Plutarco (*sic*); foi feliz demais na mestria com que reproduziu completas, vivas, no português, as frias belezas de Ovídio, que, desterrado no Ponto, oferecia ao ótimo e ilustrado tradutor o maravilhoso tesouro das mais enlevadoras e sublimes melancolias e saudades do poeta no seu livro das tristezas, os *Tristes*” (MACEDO, 1879, p. 312).

Depois dessa obra publicou-se em 1862 a edição da *Arte de Amar* também traduzida por Antônio Feliciano de Castilho (Tomo I) e anotada por Castilho José (Tomo II e III). Nesses comentários intitulados *Grinalda da Arte de Amar* encontram-se outras tantas traduções espalhadas pelas anotações ao texto de Ovídio, como é o caso

<sup>1</sup>Castilho José, como era conhecido no meio jornalístico e literário (nome que adotaremos doravante), era irmão do poeta Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), figura central do Romantismo em Portugal. A proximidade dos nomes já levou ao equívoco críticos renomados como Alfredo Bosi (cf. 1997, p. 149).

dos adágios de Públio Siro (OVÍDIO, 1862, p. 202-12) e da cena final do *Tiestes* de Sêneca (p. 161-6), que se encontram na Grinalda da Arte de Amar.

Afora as empreitadas tradutórias no terreno da poesia lírica, didática<sup>2</sup> e das tragédias senequianas, Castilho José entregou-se também à tradução da *Pharsalia*, de Lucano, da qual se encontra notícia da publicação de excertos esparsos em periódicos e resta incerto se não caiu no esquecimento uma versão integral<sup>3</sup>. Além do Livro VII da *Pharsalia* que aparece no *Archivo Pittoresco* de 1864 e da metade do Livro X que consta em um número da *Revista contemporanea de Portugal e Brazil* de 1862, temos conhecimento da publicação em jornais brasileiros do Livro I e do livro VI, que saíram respectivamente no *Diario Official do Império do Brasil* e no *Diário do Rio de Janeiro* no final de 1864.

Terá sido neste último veículo que Machado de Assis tomou conhecimento dos versos do Livro VI, transcritos em um de seus contos<sup>4</sup>, e é sobre essas traduções que Joaquim Manuel de Macedo asseverou:

“Na versão da *Farsália*, de Lucano, o conselheiro José Feliciano, julgado pelas obsequiosas leituras que fez em reuniões de amigos capazes de apreciá-lo, firmou muito mais sua autoridade como latinista, fez reviver Lucano em português puríssimo com a mesma inspiração, o mesmo sentimento, a mesma beleza e a mesma energia dos versos daquele poeta” (MACEDO, 1879, p. 313).

A obra greco-romana de Castilho José, entretanto, vai além dos seus comentários a Ovídio e da sua tradução de Lucano. Ainda em 1862 é publicado o livreto *Memória sobre a segunda égloga de Virgílio*, cuja resenha pouco favorável de Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro*, dá mostras da ampla divulgação dessas exegeses

9—————33

<sup>2</sup> Convém acrescentar no campo da poesia didática uma tradução, com larga introdução e notas, do *Moretum* poema atribuído a Virgílio, hoje considerado apócrifo e incluído no *Appendix Vergiliana* cf. CASTILHO, 1860, 349-64.

<sup>3</sup> O trabalho de recensão, transcrição e anotação dos excertos da *Pharsalia* é o principal objetivo da primeira etapa do Projeto *José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no séc. XIX* e essa parte do grande *corpus* da obra de Castilho José ficará inteiramente a cargo do orientador, conforme consta do Projeto de Auxílio à Pesquisa - Regular em fase de execução (Processo n.o 2008/10193-2).

<sup>4</sup> No conto “A decadência de dois grande homens” lê-se: “o gato saltou à mesa e avançou para ele [Marco Bruto]. Fitaram-se alguns instantes, o que me trouxe à memória aqueles versos de Lucano, que o Sr. Castilho José nos deu magistralmente assim: Nos altos, frente a frente, os dois caudilhos,/ sôfregos de ir-se às mãos, já se acamparam” (ASSIS, 1966, p. 28).

clássicas.<sup>5</sup> Nesse opúsculo, o filólogo tenta justificar, sem muito sucesso, que o conteúdo da segunda égloga não se configuraria homoerótico, como tinha sido apreendido ao menos desde Sérvio. É a transcrição e análise deste comentário que a presente etapa do projeto contemplará.

## 1.1 Metodologia

O trabalho tem como *cópus* os comentários à segunda Écloga de Virgílio (OVÍDIO, 1862, p. 240-264)<sup>6</sup>. Realizou-se a transcrição e atualização do texto do comentário de José Feliciano de Castilho, bem como a tradução do texto latino da segunda égloga a fim de poder verificar a íntegra do texto virgiliano. Após essas etapas, elaborou-se um texto introdutório sobre esse comentário castilhiano.

Feita a reprodução diplomática<sup>7</sup> do texto, o trabalho se seguiu com a elaboração de uma *tradução de serviço* da segunda égloga.

Entende-se por *tradução de serviço*:

a que, considerada a enorme distância em que o tradutor moderno se encontra da vida quotidiana e coloquial do idioma do qual deve traduzir, o obriga ao trabalho, frase a frase, em que, por isso mesmo, o resultado da tarefa de traduzir não se distingue muito da análise ou descrição do sistema gramatical. [...] As exigências quanto a esse tipo de tradução não vão além dos conhecimentos subministrados pelos gramáticos e gramáticas da tradição e pelas outras obras de referência, no que concerne ao léxico, ou antes, às definições léxicas ali consagradas (LIMA, 2003, p.14)

10—————33

<sup>5</sup> “Outro trabalho do Sr. Castilho José é uma *Memória* publicada há dias, para provar que não havia em Virgílio hábitos pederastas. A *Memória* é escrita com erudição e proficiência; o Sr. Castilho José é induzido a negar a crença geral por ser a 2ª égloga do Mantuano uma imitação de Teócrito, por nada ter de pessoal e por parecer uma alegoria, personificando Córídon o gênio da poesia e Alexis a mocidade. Diante desta questão confesso-me incompetente; todavia há uma observação ligeira a fazer ao Sr. Castilho José. O confronto entre Teócrito e Virgílio não leva a concluir do modo por que o Sr. Castilho José conclui. Teócrito trata do amor entre Polifemo e Galatéia, e Virgílio deplora os desdêns de Alexis por Córídon. Isto parece antes provar que Teócrito estava limpo dos defeitos que a égloga virgiliana acusa”.

<sup>6</sup> A edição da *Grinalda da Arte de Amar* a ser utilizada é: OVÍDIO. *Arte de amar de Publio Ovidio Nasão*. Tradução de A. F. de Castilho seguidas de comentários de J. F. de Castilho. Rio de Janeiro: Laemmert, 1862. 3 Tomos. Convém advertir que se encontra em nossas mãos uma versão digitalizada desta obra, resultante de fases anteriores do projeto.

<sup>7</sup> *reprodução diplomática* é a cópia tipográfica do texto como se fosse completa e perfeita cópia do mesmo, na grafia, nas abreviações, nas ligaduras, em todos os seus sinais e lacunas inclusive nos erros e nas passagens estropiadas” (SPINA, 1994, p. 84-5).

Como suporte para a tradução, foram consultadas as traduções das *Bucólicas* de Odorico Mendes (1858) e Raimundo Carvalho (2005).

A etapa seguinte se deu com a realização da transcrição atualizada da *Memória sobre a segunda égloga de Virgílio*, com modificações de grafia e acentuação que se fizeram necessárias. Este texto atualizado configura a contribuição efetiva do projeto, pois o texto atualizado e contextualizado tem melhor circulação, podendo ser utilizado futuramente aos interessados no poema virgiliano e na sua recepção através da História.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Pederasta? Discussão sobre a defesa de Castilho José

Castilho se esforça, em seu comentário sobre a segunda égloga, para achar argumentos que provassem que Virgílio não era um pederasta, como era a leitura de alguns estudiosos. Esta leitura existia, pois se fazia analogia entre Virgílio e Córídon, personagem de seu poema. A segunda égloga narra o amor do pastor Córídon a um mancebo de nome Aléxis, como apresentado nos primeiros versos:

Córídon, um pastor, pelo formoso Aléxis,  
delícias do seu dono, em desespero ardia-se.  
A um denso faial, de vértices sombrios,  
vinha assíduo; aí, só, às selvas e montes  
lançava, num esforço inane, estes delírios:  
Não escutas, cruel Aléxis, os meus cantos?

(VIRGÍLIO, 2005, p. 21)

Havia, pois, uma leitura desde os antigos, como podemos observar em texto de Sérvio, em que se fazia analogia de Córídon com a figura do próprio Virgílio, o qual haveria se apaixonado por um escravo de nome Alexandre.

Odorico Mendes, em nota a sua tradução a essa égloga (VIRGÍLIO, 1858, p. 7-13), diz talvez ter sido para alcançar um certo escravo de Polião de nome Alexandre que Virgílio escrevera a segunda égloga. Antes dele também traz informação semelhante um outro tradutor virgiliano Leonel da Costa Lusitano (VIRGÍLIO, 1761, p. 7-17), que conta que os maldizentes declaravam ser Virgílio um pederasta, citando ainda Alexandre, o moço que inspirara a segunda égloga, havendo ainda os que diziam ser de honesto amor o do poeta por seus moços, mantendo assim a imagem honrada de Virgílio. Vê-se a importância que os escritores dão ao tema, sempre tentando preservar a imagem do “casto”, como costumavam chamar, Virgílio. Trabalha também o tema José Feliciano de Castilho nos seus comentários, em que diz ser a homossexualidade um

abominável vício, e que relacionar o “castíssimo” Virgílio ao assunto seria nodoar-lhe a memória. Refletir sobre esse estudo de Castilho e sobre o contexto de recepção da égloga no séc. XIX são os objetivos do presente trabalho.

Fora os estudiosos supracitados, sabe-se também que na Inglaterra moderna, quando se ia tratar da segunda égloga, traduzi-la ou utilizá-la com propósitos didáticos, era comentada a questão do homoerotismo. Além disso, as traduções se valiam de palavras que minimizavam o amor de Córidon, traduzindo *ardebat*, arder de amor, paixão, por uma que significasse um amor mais brando, em inglês *dearly love* ou *loved sore*. Disto fala Núñez (2004) em texto, e argumenta como tal leitura reduziu a poesia somente a esse aspecto, e lhe privou de estudos formais ou de outra natureza menos limitante. Assim ele apresenta e assim também pudemos observar nas leituras para este trabalho, que havia uma necessidade do estudioso ou tradutor, senão uma obrigação, de fazer uma nota em seu trabalho mostrando sua posição em relação à homossexualidade; esse tópico não passa despercebido por nenhum deles.

É necessário, *in limine*, atentar para o fato de que as leituras acima citadas condiziam com o período histórico em que foram escritas, repercutem os valores morais da época, sendo legítimo pensar na influência do cristianismo. Não é a mesma a concepção de homossexualidade e, portanto, da pederastia para eles e para os romanos.

Quanto a ela [pederastia], a moral romana era severa, diferentemente dos costumes gregos. Tal severidade, no entanto, não se aplicava indistintamente a todos os amores entre homens. Mesmo em épocas bem antigas, ninguém se escandalizaria se um amo nutrisse por um de seus jovens escravos uma paixão que hoje consideramos culpada.

(GRIMAL, 1991, p. 119)

Para um contemporâneo de Virgílio a égloga em questão não causaria nenhum tipo de estranhamento, uma vez que era comum e consuetudinário o amor entre homens e moços. Segundo João Angelo Oliva Neto, na introdução d’*O livro de Catulo*, o que importava para um cidadão romano era a questão da passividade; em quaisquer situações, sendo em relações com outro homem ou com uma mulher, o *uir* deveria sempre ser ativo (1992, p. XX). Somente era manchada sua virtude se o mesmo fosse passivo numa relação. Destarte, tratando-se do sexo masculino, eram os escravos e os mais jovens que assumiam a então considerada desonrosa posição de inferioridade.

Desse modo, a defesa feita por José Feliciano de Castilho refletia os valores de sua época e, portanto, apesar de sua leitura ir de encontro com os valores que vigoravam

na época em que Virgílio escreveu as *Bucólicas*, ela é testemunho de como o século XIX contribuiu para os estudos virgilianos, mesmo de um modo que sabemos hoje anacrônico.

## 2.2 Sobre a obra

O comentário de Castilho José utilizado como corpus se encontra na Grinalda da Arte de Amar que sucede a tradução da *Arte de Amar*, de Ovídio, traduzida pelo seu irmão, Antonio Feliciano de Castilho. A obra é de 1862, e possui um total de 327 páginas<sup>8</sup>. Da página 240 a 264 está compreendido o comentário que compõe o corpus, sob o título de “Venal. Pederastia. Virgílio. Alexis”. A nota faz referência à *Arte de Amar*, II, verso 683. O autor fala rapidamente sobre Ovídio, dizendo ter também o autor latino horror às práticas homossexuais, e que tal assunto já havia sido tratado anteriormente na Grinalda Ovidiana. Com isso passa a tratar, em seguida, não mais de Ovídio, mas de Virgílio, comentando a segunda égloga.

Castilho José intenciona através de seus argumentos comprovar que Virgílio não era adepto às práticas de pederastia, sendo o principal deles o de que Virgílio não fez senão imitar o estilo do grego Teócrito, este sim afeito a tais práticas. Ele se refere, portanto, aos idílios feitos pelo poeta grego, nos quais aparecem algumas vezes relações homoafetivas, relações estas que, segundo o comentador, eram comumente praticadas na Grécia, sem prejuízo à moral dos praticantes. Ainda segundo ele, mais do que imitar, Virgílio fez por vezes traduções servis dos idílios de Teócrito, embora não se possa afirmar que eles sejam o único modelo seguido pelo mantuano. A segunda égloga seria, sobretudo, baseada no XI idílio, *O Ciclope*.

A fim de provar seu argumento, Castilho José dispõe versos de Virgílio frente àqueles aos quais ele teria imitado de Teócrito. Desse modo, uma página contém os versos da segunda égloga e a que segue contém os versos correspondentes dos idílios. O que podemos notar é que realmente os dois textos são semelhantes, muitas vezes o texto latino é uma versão do grego. A tradução que Castilho faz tanto dos versos latinos quanto dos gregos é uma tradução literal, em prosa. Por vezes traduz não os versos inteiros, mas apenas partes deles.

<sup>8</sup> Esse comentário mereceu uma edição avulsa publicada no mesmo ano (cf. CASTILHO, 1862).

Vale ressaltar que na segunda égloga é tratado o amor entre Córídon e Aléxis, e no idílio é tratado o amor de Polifemo à Galateia, ou seja: no primeiro autor, temos uma relação homoafetiva e, no segundo, uma relação heterossexual. Quanto a isto, Castilho diz não importar que justamente neste idílio não haja a relação entre pessoas do mesmo sexo, pois o que é relevante é que Virgílio imitava o estilo pastoril e não um poema específico. Em outros poemas de Teócrito deste mesmo gênero apareceria, portanto, tal relação. O autor diz ainda que Virgílio faz uma metáfora com suas personagens: Aléxis simboliza a mocidade, e Córídon seria a representação do poeta.

Esta mesma problemática é apresentada por Machado de Assis, em resenha à primeira edição do comentário escrito por Castilho José, que se tratava de uma obra avulsa, diferentemente da segunda edição, a qual utilizamos como cópula. Nessa resenha Machado diz reconhecer que o trabalho do português tem grande valor quanto à investigação, porém não convence nos argumentos.

### 3 MEMÓRIA SOBRE A SEGUNDA ÉGLOGA DE VIRGÍLIO

(Texto atualizado)

#### I. 525

Venal. Pederastia. Virgílio. Aléxis.

I. Já acerca dos amores desnaturais falamos extensamente na *Grinalda dos Amores*, e repetimos ser o horror contra semelhantes práticas um dos mais honrosos sintomas da atual civilização. Penaliza ver como tão abominável vício invadira todas as classes, ainda as mais elevadas, ou as que, por cultura de nobres sentimentos, mais estranhas deveriam ser a usos por tal arte vergonhosos.

É sabido o epigrama de Varrão sobre Pompeu:

Fasciola qui crura tegit, digito caput uno  
scalpit, quid credas hunc sibi velle? virum.

Aqui, como em outros lugares, patenteia Ovídio o seu horror a semelhante hediondez.

II. Mas, para não voltarmos a tratar tal matéria (conquanto o mais adequado lugar fosse em nota a II. 683), exporemos que tendo alguém posto em dúvida o que, para justificar Ovídio, escrevemos na *Grinalda dos Amores*, p. 257, onde afirmamos que o *tangor minus* significava *non tangor*, no dístico:

Odi concubitus, qui non utrumque resolvunt.  
Hoc est cur pueri tangor amore minus.

Importa corroborar aqui a nossa asserção.

Com efeito, o *minus* também é *non*. – Cornélio, para exprimir “negligentemente”, usa *minus diligenter*. – Terêncio: “Não entendi”. *Minus intellexi*. – Cícero: “Não muitos”, *Minus multi*. – *Id.*: “Se não era mister”, *Si minus oportebat*. – *Id.*: “Senão”, *Sin minus*. Até à conjunção *quominus* é levada frequentemente aquela significação negativa de *minus*.

Ovídio mesmo emprega muitas vezes a palavra *minus* como negação; por exemplo *si múnus* ou *sinminus*, representando “senão”, leem-se na *A. A. I. 229, R. A. 478; Pont. I. VII. 35, Tr. I. II. 106*. – *Minus vereare* (*Tr. IV. IV. 25*), é “não envergonhar”. Até outro lugar, como neste, aparece o mesmo verbo ligado ao *minus*: – *Minus tangas* (*A. A. II. 720*) “não toques” – e assim em outros passos.

Acresce, por complemento de prova, que, sem esta interpretação, ficaria incompreensível a locução *ODI concubitus*.

III. Mais alto empenho, porém, nos move a reconsiderar tão antipático assunto. Voltamos a ele para ressalvamos um escrúpulo, e tentarmos uma reabilitação.

Seguindo as pisadas de nossos predecessores, cometemos a leviandade de proclamar Virgílio ambidestro (na frase de Montaigne), e deixar também, no citado lugar, cair a seguinte calúnia:

“Nada disto admira, quando o próprio castíssimo Virgílio escreveu a sua segunda égloga, que, para ser encantadora e deliciosa, só lhe faltava substituir o nome de Aléxis por qualquer nome de mulher.”

Sempre nos repugnara profundamente esta universal imputação a Virgílio, que tínhamos por improvável, desnatural, quase impossível. Não é que desconhecêssemos as transformações de ideias devidas ao cristianismo, e que o asco e nojo, hoje sentidos contra bestialidades tais, estavam longe de escandalizar com igual intensidade nas pátrias dos Anacreontes, das Safos, dos Horácios, dos Tibulos e dos Marciais. Acredita-se a anedota que com um tal Mânlio, apesar de muito feio, se narra de Augusto... de Augusto, que tomava a *Arte de amar* mulheres, como pretexto para um desterro! É sabido o que se atribui a muitos imperadores, até em público, e nas pompas dos triunfos; o que se diz do próprio Júlio Cesar, o qual foi, na boca de um grave historiador, denominado marido de todas as mulheres e mulher de todos os maridos.

Voltaire, no seu *Anti-Giton*, falando destas infâmias, se exprime assim:



Hélas! Amour! Que tu fus consterné  
 lorsque tu vis ce temple profané,  
 et ton rival, de son culte hérétique  
 établissant l'usage anti-physique,  
 accompagné de ses mignons fleuris,  
 fouler aux pieds les myrtes de Cypris! etc.

Com suma razão e verdade, portanto, se exprime Parny, naquele trecho:

L'antiquité, si charmante d'ailleurs,  
 Dans ses plaisirs était peu scrupuleuse.  
 De ses amours la peinture odieuse  
 Depare un peu ses écrits enchanteurs.

IV. Mas instintivamente criamos que desse contágio de imoralidade não podia ser evitado um gênio da ordem do seu proceder, que os contemporâneos em Parténope o denominavam *A Virgem (Parthénias)*. A leitura de todas suas obras confirma este honroso conceito; uma só frase delas se não pode recolher, confirmadora de tão bestiais ideias; o dote porque primam, seu supremo predicado é a sensibilidade, da qual a torpe manha se ostenta como antípoda.<sup>9</sup>(\*) Antes Virgílio manifesta a sua aversão, repelindo de seus versos semelhantes reminiscências. Na *Eneida* (X, 325) denomina miserável a esse Cídon *securus amorum, qui juvenum ei semper erant*. Era, portanto, impraticável, que a segunda égloga tivesse a interpretação que geralmente se lhe dá, de uma paixão de Virgílio (*Córidon*) por um mancebo Alexandre (*Aléxis*).

Porém os termos parecem tão explícitos! Essa égloga dá Córídon ardendo de amor por um formoso ingrato. Convinha perscrutar, ou antes rever os documentos sobre que os séculos fulminaram a sentença. Isso ousamos. Permita-se nos revelar o que o estudo nos sugeriu.

16—————33

<sup>9</sup>(\*) Até se dá uma especialidade honrosíssima neste admirável poeta. Sempre que se vê obrigado a tocar nos mistérios, que uma alma casta repugna a aprofundar, emprega expressões tão remotas, véu tão denso, que não se excita, no mínimo grau, o rubor nem dos mais escrupulosos. Homero, para se salvar de dificuldades, usa lançar poucas palavras, que, sem apresentarem imagem, indicam rapidamente o que se pretende: contenta-se com as expressões: *cinto virginal, amorosa tarefa, lei do tálamo nupcial*, etc.; mas em Virgílio, vejamos, por exemplo, como se saiu, precisando falar dos abraços de Vênus e Vulcano no leito conjugal:

Ea verba locutus,  
 optatos dedit amplexus; placidumque petivit  
 conjugis infusus grêmio per membra soporem.

Eis aí, sem sombra de indecência, em frase desenvolvida, e termos claros, pintados, com as mais castas cores, os arcanos do leito conjugal, o que só um Virgílio (diz Aulo Gélio) poderia fazer; *neminem quinquam alium dixisse*.

V. Antiquíssima e nobilíssima é a prosápia dos plagiários, confirmadora do *Nihil sub sole novum*, de Salomão. As nossas fontes quase só remontam aos séculos áureos de Grécia e Roma; faltam-nos, pois, monumentos para provarmos a quem os gregos fizeram operações análogas as que depois com eles se realizaram. Narra Aulo Gélio (III. XVIII) que Platão, apesar de pobre, mercara por dez mil dinheiros os três livros do pitagórico Filolau; que Aristóteles, depois da morte do filósofo Espeusipo comprara por três talentos áticos uns opúsculos dele; que o satírico Timon invectivara Platão, por ter obtido a peso de ouro um livro de filosofia pitagórica, para com ele fabricar o seu nobre diálogo de Timeu; arremessando-lhe uns versos que dizem:

E tu, também, Platão, queres instruir-te  
A peso de ouro mercas um livreco,  
e sais com ele à praça; a obra é tua.

Temos, pois, estas e outras provas *a posteriori*, para corroborarem a certeza de plágios gregos; mas quanto aos romanos são elas muito mais fáceis.

É a época de Virgílio, sobre todas as outras a da versão ou imitação da literatura grega. Já na idade de bronze, os Plautos, os Terêncios e outros haviam combinado a silvestre rudeza romana com a imitação ática; mas no século de ouro, toda a mocidade de Roma era instruída por gregos, ou pelos romanos que seguiam na Grécia seus estudos. Todas as fontes do belo e do saber manavam então de uma universal Castália ateniense. Não se podia ser sábio, nem poeta, nem culto, sem imitar os gregos. Lucrécio narrava a física do grego Epicuro. Horácio, Ovídio, Tibulo, Propércio, Catulo, e os mais imitavam e traduziam Anacreonte, Safo, Píndaro, Alceu, Arquíloco, etc. Pouco depois aconteceu o inverso: os gregos, já decadentes, começaram a gloriar-se de imitar os romanos ou de comparar-se com eles; o senso íntimo da Grécia transparece então em várias produções, tais como as *Vidas dos homens ilustres*, onde Plutarco vai sempre contrapondo um grego a um romano, talvez para convencer do pé de igualdade entre os heróis e as nações. Todavia, no século de Augusto, eram os romanos que plagiavam os helenos.

Ainda quatorze séculos tinham de arrastar-se, antes que Fust e Guttenberg produzissem nas letras a revolução que enfim as pode fixar. O 1º livro de Plínio o Filósofo dá o catálogo de milheiros de autores, então afamados, cujas produções se mergulharam no Letes. Por aí se avalie que inumerável número de valiosos livros, mormente da admirável musa grega, se perderam para nós (que, em compensação, saboreamos imensidade de riquezas, tomadas, por exemplo, a Ovídio por Ariosto, e nas

*Mil e Uma Noites*, etc.). Muitos daqueles poetas gregos, hoje perdidos, eram então conhecidos pelos romanos, imitados, traduzidos. Naturalmente nesses tempos trariam tais versões ou imitações o competente rótulo; o mais das vezes não o conservaram os copistas, *librários* nem *rubricadores*. Desta dupla circunstância resultará, em muitos casos, a impossibilidade de confrontar imitadores com imitados desconhecidos; em outros a de reconhecer, se obras existentes são originais ou imitações.

VI. Aplicando estas considerações ao príncipe dos poetas romanos, começaremos lembrando que este gênio, conquanto imenso, não desdenhou vogar na alheta de seus predecessores helênicos.

Nas *Geórgicas*, seguiu Hesíodo no plano em pormenores. A *Eneida*, onde o herói começa a errar pelos mares como Ulysses, e que finda pelo combate de Turno, como Homero acabara pelo de Aquiles com Heitor, é uma (assombrosa) imitação da *Ilíada* e *Odisseia*, que em vários passos dos seis primeiros cantos ultrapassa ainda a magnificência do modelo <sup>10</sup>(\*).

Até nos pormenores dos pensamentos, até nas formas, até em versos e dísticos inteiros, Virgílio se apoderou também das *pérolas do esterquilínio de Ênio* (como Horácio de Lucílio), e de outros, segundo Macróbio amplamente o provou. Era isto geralmente conhecido no seu tempo, e tanto que poucos anos após sua morte, Plínio, censurando os plagiários, excetua quando eles são como Virgílio, imitador que suplanta os imitados (*Pref. 17*): *non illa virgiliana virtute, ut certarent*.

Quem sabe se este rei dos imitadores não teve ante os olhos para as suas bucólicas outros autores, que imitasse? Mas, tivesse ou não, o certo é que as *Bucólicas* virgilianas não só no gênero, na essência, como na forma, são imitações, e às vezes traduções de Teócrito, sem que em semelhante luta ficasse o mantuano sempre vencedor do vate de Siracusa. Não é dado afirmar que esse fosse o seu único modelo; mas, felizmente, dispensamos outro qualquer. Ele mesmo, aliás, o confessa, quando nas églogas IV e VI invoca, não as musas romanas, mas as sículas, aludindo a Teócrito.

VII. Se já *a priori* se devia pressupor que na égloga a Aléxis houvesse imitação grega, fácil se tornará essa prova, pela confrontação que adiante submeteremos. Algumas palavras mais, em geral, acerca destas imitações campesinas.

18—————33

<sup>10</sup> (\*) Aulo Gélío (IX.IX) estudando as imitações de Virgílio, e aconselhando que se fuja das traduções literais, que destroem a graça do texto, transferindo à força palavras invitas e repugnantes, observa que ainda nisto é Virgílio modelo: pois quando imita Homero, Hesíodo, Apolônio, Partênio, Calímaco, Teócrito, ou outros, colhe umas ideias e rejeita outras. Seguem-se exemplos sacados das bucólicas de Virgílio, e dos lugares paralelos de Teócrito.

O gênero em que Teócrito se distinguira foi introduzido em Roma por Virgílio<sup>11(\*)</sup>, o qual deveu a esses primeiros trabalhos a vasta reputação, com que logo conquistou o primeiro lugar entre os poetas. Foram as suas primeiras armas; um assentar de mão; um calcar de cálam; uns exercícios de estilo. Afigura-se que Virgílio nas *Églogas* é inferior às *Geórgicas*, mais ainda do que as *Geórgicas* o são à *Eneida*. Comparadas as musas bucólicas de Teócrito e Virgílio, reciprocamente se suplantam talvez, aquela pela natureza, pela arte. Em Teócrito, os interlocutores podem ser camponeses, pastores, gente primitiva, singela e rude; os de Virgílio não têm mãos calosas, não são legítimos filhos dos campos, mas primorosos e corretíssimos oradores; transportados para os nossos dias, aqueles cavadores brandiriam a enxada, de luva de Jouvin, e com o frisado cabelo rescendendo a macassar. A poesia de Teócrito é mais simpática e natural; a de Virgílio mais ambiciosa e perfeita.

VIII. Seja como for, desde que o mantuano resolvera parafrasear em latim a musa de Teócrito, via-se forçado a não suprimir totalmente uma ordem de ideias, embora torpe, que domina grão número das poesias do siracusano. É indispensável, para esta justificação, documentar aqui o impudor com que Teócrito, a cada passo, canta os desnaturais amores de homem a homem.

No idílio da *Mágica* (II. 150), descrevendo esta os seus ciúmes, faz-lhe Teócrito dizer que não sabe com certeza se é de rapariga ou de rapaz que Delphis está enamorado.

No de *Thalysia* (VII. 96 e segg.) só se fala de amor de homens a homens: Diz Teócrito namorar Myrto – que Aristis infundiu entranhado amor a Arato – que Philino é o objeto amado por Hómolo – que o tal Arato também anda a caça deste Philino.

No *Desafio Pastoril* (VIII. 47), depois que Menalca elogia a formosa Aglaia, Daphnis exalta o pulcro Milão.

[p. 248] O duodécimo idílio, é intitulado *Αἰτησις*, que F. Didot traduz: *Os dois amigos*, quando significa o *predileto*, o *querido*, o *valido*, ou outro nome ainda mais enérgico.

19 ————— 33

<sup>11</sup> (\*) Ovídio, na *Arte de Desamar*, pavoneando-se (sem razão, na pátria de Tibulo e de Propércio) de ser ele quem em Roma introduzira o gênero elegíaco, incensa-se bradando que tanto deve a ele a elegia como a epopeia a Virgílio:

Tantum se nobis Elegi debere fatentur,  
Quantum Virgilio nobile debet Epos.

Eis aqui, sem alterações, e quase palavra por palavra, várias das frases que o poeta aí dirige a esse seu namorado:

« Enfim chegaste, ó caro menino, após três noites e auroras! Chegaste! Um dia basta para envelhecer amantes.... Corri para ti como o caminhante torrado ao sol acorre para a árvore frondosa. Oh! Possam iguais amores devorar-nos a ambos. Dirá o mundo que um ao outro nos amamos com jugo igual. O amor de Jove ao seu querido perpetua-se na memória de todos, mormente dos mancebos. Audazes navegadores, Niseos megarenses , bem ajais vós que outrora honrastes o ático Diocles, amante de rapazes φλόπαιδα. Congregados em torno do seu túmulo, ao voltar da primavera, ainda hoje usam contender sobre qual melhores beijos dará; e aquele que com mais doçura aplica os lábios aos lábios, volta ao regaço materno coberto de coroas. Ditoso o que tem de ser juiz de beijos assim dados por esses mancebos! Estou que implorará Ganymedes dos olhos verdes, para que outorgue a essa boca a virtude do lídio seixo, que descobre ao ourives se o metal é ouro verdadeiro ou falso. »

O idílio *Amante infeliz* (XXIII) é todo de igual natureza, mas de uma linguagem ainda mais repreensível; tendo, aliás, sido imitado por Ovídio, na fábula de Iphis e Anaxareta, e por Lafontaine na de Daphnis e Alcimaduro; assim como o XXIX: *Amante*; e os epigramas XVI *sôbre Daphnis*, XVII *Jaculatórias a um pastor*, etc.

IX. Eis aí, pois, como Teócrito decantava torpezas tais. Poderia, sim, um espírito escrupuloso repelir comunidade com tais sentimentos; mas ao imitador, ao parafrasta não era lícito suprimir totalmente uma ordem de ideias tão características do seu modelo. Assim procedeu Virgílio; envergonhando-se de repetir esta matéria, tocou-a uma só vez, e de longe , e com tão delicadas formas que até se hesita se a sua intenção não era mui outra da que alguns versos aprecem denunciar (\*).<sup>12</sup>

Conquanto haja nesta égloga recordações de muitos outros trechos de Teócrito, é ela sobretudo calcada, nos pensamentos, no desenvolvimento, nas formas , sobre o idílio XI , *O Ciclope*. Nem possível era que Virgílio deixasse de imitar este, um dos mais famosos idílios de Teócrito, tão elogiado por Chateaubriand, no *Gênio do Cristianismo*, e pelo próprio Fontenelle, o desapreciador dos antigos (\*\*)<sup>13</sup>

20—————33

<sup>12</sup> (\*) Foi esta a primeira égloga que Virgílio compôs, se assim deve interpretar-se aquele passo da outra égloga *Daphnis*, e se é elle o Menalcha, de cuja boca saem estas palavras :

Haec nos « Formosum Corydon ardebat Alexin ; »

haec eadem docuit: « Cujum pecus? Na Melibœi? »

(Parece que esta foi composta pelo ano de 711, e que ela foi devida a proteção de Polion).

<sup>13</sup> (\*\*) Uns versos deste idílio deram também origem á imitação de Ovídio (*Met.* I. XIII), que principia:

Importa documentar, em seguida, que têm andado errados os que supõem ser Virgílio o Córídon da 2ª égloga, e serem seus os sentimentos de amor carnal a Alexis, que aí julgam descritos, quando tal poesia mais não é que uma imitação mui servil, e frequentemente literal tradução de versos de Teócrito, especialmente do supracitado idílio *O Ciclope*.

Para completarmos esta convicção, colocaremos em frente os versos de Virgílio, e os de que nos parece serem imitação em Teócrito. E, a fim de se não assacar infidelidade na confrontação, iremos dando de cada relativo trecho, latino e grego, a versão, quase palavra por palavra, antepondo página a página.

[p.250]

Rompe Virgílio assim:

Formosum pastor Corydon ardebat Alexim.

(O pastor Córídon amava o formoso Alexis.)

Virg. v. 3 a 5

Inter densas, umbrosa cacumina, fagos  
assidue veniebat; ibi hæc incondita solus  
montibus et silvis studio jactabat inani.

(Soltava a montes e selvas as suas vozes.)

Virg. v. 6. 7

O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas ?  
Nil nostri miserere ?

(Ó cruel Alexis, porque não escutas meus cantos? Porque te não amerceias de mim?)

Virg. v. 8

Nunc etiam pecudes umbras et frigora captant.

(Lá deixei ir os gados procurar a frescura das sombras.)

Virg. 9

Nunc virides etiam occultant spineta lacerdos.

(A esta hora os sardões verdes se escondem nos espinhais.)

---

Candidior nivei folio, Galatea, ligustri.

---

Aqui segue em Virgílio o desenvolvimento desta ideia  
etc., etc.

[p.251]

No verso 8º e 19º do id. XI de Teócrito:

ὠρχαῖος Πολύφαμος, ὅκ' ἤρατο τᾶς Γαλατείας,  
λευκὰ

(O antigo Polifeno amava a cândida Galateia.)

Teoc. II. 133

Ἔρωσ

σέλας φλογερότερον αἶθει·

(O amor acendeu chama ardente.)

---

Teoc. XI. 17

καθεζόμενος δ' ἐπὶ πέτρας  
ὕψηλᾶς ἐς πόντον ὄρων ἄειδε τοιαῦτα·

(De um elevado rochedo, olhando o mar, soltava estas vozes.)

---

Teoc. XI. 19

ὦ λευκὰ Γαλάτεια, τί τὸν φιλέοντ' ἀποβάλλη·

(Ó cândida Galateia, porque te não amerceias do amante?)

---

Teoc. XI. 12

πολλάκι ται ὄιες ποτὶ τωῦλιον αὐταὶ ἀπῆνθον  
χλωρᾶς ἐκ βοτάνας·

(Deixou as ovelhas recolherem-se, do pasto verde para o aprisco.)

---

Teoc. VII. 22

ἀνίκα δὴ καὶ σαῦρος ἐν αἵμασιαῖσι καθεύδει.

(A esta hora o sardão dorme nos espinhais.)

---

Teoc. XI. 17

dos efeitos do sol nos lagartos, nos ceifeiros, nas cigarras,

[p. 252]

Virg. 20 a 22

... quam dives pecoris, nivei quam lactis abundans?  
Mille meæ sicutis errant in montibus agnæ ;  
lac mihi non æstate novum no frigore , deficit.

(Qual minha riqueza em gados e leite? Nos montes erram mil criaturas; nunca me falta o tarro de verão e inverno.)

Virg. 23. 24

Canto quæ solitus, si quando armenta vocabat ,  
Amphion Dirceus in Actæo Aracyntho.

(Sei entoar cantos como o Dirceu Anfião , quando afalava o seu gado.)

---

Virg. 25

Nec sum adeo informis.

(Nem por isso sou tão disforme.)

---

Virg. 25. 26

Nec sum adeo informis; nuper me in littore vidi  
eum placidum ventis staret mare.

(Nem por isso sou tão disforme; há pouco, estando o mar liso e tranquilo, vi nele meu rosto.)

---

Virg. 28 a 30

O tantum libeat mecum tibi sordida rura  
atque humiles habitare casas, et figere cervos,  
hædorumque gregem viridi compellere hibisco!

(Oh ! quisesses tu vir comigo habitar humilde choupana, flechar veados, pastorear os cabritinhos!)

---

Virg. 33. 34. 36. 37

Pan curat magistros.  
Nec te pæniscat calamo trivisse labellum.



Est mihi disparibus septem compaca cicutis  
fistula.

[p. 253]

Teoc. XI. 34

βοτὰ χίλια βόσκω  
κῆκ τούτων τὸ κράτιστον ἀμελγόμενος γάλα πίνω·  
τυρὸς δ' οὐ λείπει μ' οὔτ' ἐν θέρει, οὔτ' ἐν ὀπώρα,  
οὐ χειμῶνος ἄκρω

(Apascento mil crias; bebo delas o primeiro leite, e nunca me falta o queijo em estio, outono, nem no extremo inverno.)

Teoc. XI. 38

τυρίσδεν δ' ὡς οὔτις ἐπίσταμαι ὧδε Κυκλώπων

(Sei entoar cantos nos cálamos, como nenhum outro ciclope.)

Teoc. XI. 31

οὔνεκά μοι λασία μὲν ὄφρυς ἐπὶ παντὶ μετώπῳ

(Se sou disforme, por ter uma sobrancelha sobre toda a testa, etc.)

Teoc. VI. 34

θην οὐδ' εἶδος ἔχω κακόν.  
ἦ γὰρ προᾶν ἐς πόντον ἐσέβλεπον, ἧς δὲ γαλάνα

(Não tenho um rosto disforme; há pouco, estando o mar tranquilo, vi nele o meu rosto)

Teoc. XI. 65

ποιμανεῖν δ' ἐθέλοις σὺν ἐμὶν ἄμα, καὶ γάλ' ἀμέλγην  
καὶ τυρὸν πᾶσαι, τάμισον δοιμῆαν ἐνεῖσα

(Oh! quisesses tu vir comigo, pastorear e mugir o leite, coalhá-lo e fabricar o queijo!)

Teoc. I. 123 128

ὦ Πᾶν Πάν. . . .  
ἐνθ', ὦ ναξ, καὶ τάνδε φέρ' ευπακτοιο μελίπνου  
ἐκ καρῶ σύριγγα καλάν, περὶ χεῖλος ἐλικτάν

[p. 254]

(Pan protege os maiores. Não te pese magoar os lábios no cálamo. Um tenho eu, de sete canas desiguais ligadas.)

---

Virg. 36. 37

Est mihi. . . fistula.

(Possuo um cálamo.)

---

Virg. 40 a 42

Præterea duo, Nec tuta mihi Valle reperti ,  
capreoli, sparsis etiam nunc pellibus albo ,  
bina die siccant ovis úbera ; quos tibi servo.

(Além disso, para ti reservo uns cabritos monteses malhadinhos, que ainda mamam.)

---

Virg. 45 a 53

Tibi Lilia plenis  
Ecce ferunt nymphæ calathis ; tibi cândida Naïs  
pallentes violas, et summa papavera carpens ,  
narcissum et florem jungit bene olentis anethi, etc.

(Trarão-te as ninfas açafates de açucenas, uma náíade violetas, papoulas, endro, narciso e alfazema.)

---

Virg. 54. 55

Et vos, o lauri, carpam, et, te proxima, myrte.

(Entrelaçarei mirto e louros.)

---

Virg. 58

Eheu ! quid volui misero mihi?

(De que serve tornar-me miserável?)

---

Virg. 60. 65

Quem fugis? Ah demens !  
Te, Corydon, o Alexi (sequitur).

(Porque foges? Ah insano! Córidon te segue, ó Alexis.)

---

[p. 255]

(Ó Pan, ó Pan! Toma este suave e lindo cálamο, bem disposto para os lábios, e ligado com cera.)

---

Teoc. XI. 38

τυρίσδεν οὔτις ἐπίσταμαι

(Toco num cálamο)

---

Teoc. XI. 40

τρέφω δέ τοι ἕνδεκα νεβρώς,  
πάσας μαννοφόρους, καὶ σκύμνωσ τέσσαρας ἄρκτων  
καὶ ἕξεισ οὐδὲν ἔλασσον·

(Para ti reservo onze cabritos monteses, de lindo rosicler; nada menos terás.)

---

Teoc. XI. 56

ἔφερον δέ τοι ἦ κρίνα λευκά  
ἦ μάκων' ἀπαλὰν, ἐρυθρὰ πλαταγώνι' ἔχοισαν

(Te darei cândidas açucenas, rubras papoulas, e quantas flores o verão ou o inverno produzir.)

---

Teoc. XI. 45

ἐντὶ δάφναι τηνεὶ, ἐντὶ ῥαδιναὶ κυπάρισσοι.

(Aqui tenho entrelaçados ciprestes com louros.)

---

Teoc. XI. 75

τί τὸν φεύγοντα διώκεισ

(De que serve seguir a quem nos foge?)

---

Teoc. XI. 19. 75

τί τὸν φιλέοντ' ἀποβάλλη,  
τί τὸν φεύγοντα διώκεισ

(Por que repulsas o amante? E para que seguir a quem foge?)

---

[p. 256]

Virg. 63 a 65

Torva leæna lupum sequitur, lupus ipse capellam;  
 florentem cytisum sequitur lasciva capella.  
 Thahit sua quem que voluptutas.

(Cada um se guia pela sua inclinação. Segue torva leoa o lobo; lobo a cabra;  
 cabra o flórido codeço.)

---

 Virg. 68

Me tamem urit amor ; quis enim modus adsit amor !

(Abrasa-me um amor sem termo!)

---

 Virg. 69

Ah Corydon, Corydon, quæ te dementia cepit !

(Ah Córídon, Córídon, que fizeste da tua razão?)

---

 Virg. 71. 72

Quin tu aliquid saltem potius , quorum indiget usus,  
 viminibus mollique paras detexere junco?

(Não faria eu melhor empregando o tempo em tecer cestos para uteis usos, com  
 vimes e brando junco?)

---

 Virg. 73

Invenies alium , si te hic fastidit, Alexim.

(Acharás outro Alexis, se este te desdenha.)

[p. 257]

Teoc. IX. 31

τέττιξ μὲν τέττιγι φίλος, μύρμακι δὲ μύρμαξ,  
 ἰρηκες δ' ἰρηξιν, ἐμὶν δ' ἅ Μῶϊσα καὶ ᾠδά

(Cada um se guia pela sua inclinação; a cabra é amiga da cabra, a formiga da  
 formiga, o abutre do abutre.)

---

 Teoc. XI. 16

Κύπριδος ἐκ μεγάλας, τό οἱ ἦπατι πᾶξε βέλεμνον

(A seta que no peito se me cravou, causou-me uma imensa ferida.)

---

Teoc. XI. 72

ᾧ Κύκλωψ, Κύκλωψ, πᾶ τὰς φρένας ἐκπεπότασαι;

(Ó Cíclope, Cíclope; que fizeste da tua razão?)

---

Teoc. XI. 73

αἶ κ' ἐνθῶν ταλάρως τε πλέκοις, καὶ θαλλὸν ἀμάσας  
ταῖς ἄρνεσσι φέροις, τάχα κεν πολὺ μᾶλλον ἔχοις νοῦν

(Não faria eu melhor empregando o tempo em cortar erva para os meus cordeiros, e tecer cestos com vimes para úteis usos?)

---

Teoc. XI. 76

εὐρησεῖς Γαλάτειαν ἴσως καὶ καλλίον' ἄλλαν

(Acharás outra Galateia, e talvez mais bela.) (\*)<sup>14</sup>

---

[p. 258]

XI. Após semelhante confrontação, que poderia ampliar-se muito mais, não só com trechos de Teócrito, mas com outros de Arquíloco, Calímaco, Bion, Mosco, Hesíodo, Eurípedes, brilhantes salvados do naufrágio helênico, parece ficar evidente que a incriminada égloga não significava sentimentos próprios do homem, cujos restos jazeram em Pausilipo, e cujo nome assoberba o mundo. Foi apenas uma imitação, ou quase tradução, destinada a introduzir em Roma um novo gênero poético, e a preludiar com esses ensaios métricos aos grandes trabalhos que tinham de torná-lo imortal (\*).<sup>15</sup>

28 ————— 33

<sup>14</sup> (\*) Que ainda melhor imitou Metastásio, dizendo na sua Nice:

Un'altra ingannatrice  
é facile a trovar.

<sup>15</sup> (\*) Poderá observar-se que a escolha do *Cíclope* para esta imitação seria a mais descabida, pois logo nesse idílio é que Teócrito só decanta o natural amor entre os dois sexos! Que importa? Virgílio não traduzia sucessivamente os idílios; imitava o gênero; os grandes traços, os pensamentos transfusíveis para o seu idioma. O gênero era aqui o pastoril; os pensamentos foram sempre aproveitados; entre os grandes traços tinha de figurar o amor desnatural. E, pois que Virgílio era obrigado a uma vez passar sob essas forcas caudinas, tanto importava que fosse nessa como em qualquer outra égloga.

Grande argumento em contrário: « Virgílio a si mesmo se denominou esse Córídon ! » – Onde? Como? Quem disse a vós?

Neste sentido há quem de agudo se pique, a ponto de atestar serem todas essas personagens representantes de diversas entidades. Essas admiráveis agudezas, que transformam Córídon em Virgílio, igualmente metamorfoseiam Galateia em Mântua, Amarílis em Roma. Um rápido estudo comparado patenteia a inexatidão destas observações.

O respeito de Virgílio para o seu modelo foi tal que até nas obras de Teócrito timbrou em procurar os nomes das suas personagens:

Se há um *Títilo* nas églogas I, III, V, VI, IX, é porque já havia outro Títilo no II e VII idílio de Teócrito.

[p. 259]

A *Amarílis* da I, II, IX égloga foi precedida de uma Amarílis no II e IV idílio.

O *Téstiles* da II veio de Téstiles do II idílio.

O *Menalca* da II, III, V, IX, X égloga foi igual nome de pastor no VIII, IX, XXVII idílio.

*Daphnis* da II, III, V, VII, IX tivera por predecessor em Teócrito outro Daphnis nos idílios I, VI, VII, VIII, IX, XXVII, e até nos fragmentos que se lhe atribuem XV, XVI, XVIII.

*Amintas* figura nas II, III, V, X égloga, mas já figurara no VII idílio.

*Dametas* da II, III, V foi celebrado no VI.

*Egon* mencionado nas III e V, o fora nos II, IV e X idílio.

Há uma *Neera* na III égloga; neta de outra Neera do II idílio.

Um *Mycon* da III e VII, descendente de outro do V.

Uma *Phyllis* nas III, V, VII e X que já aparecera em cena no idílio V.

*Alphesibêo* na V e VIII, como no III.

*Thyrsis* na VII, nome empregado no 1º idílio, e no XIX fragmento.

*Lycidas* da IX égloga e do VII idílio.

*Nais* da II e do XXVII, além de outros lugares.

Já se vê que geralmente os nomes das bucólicas virgilianas não significam tampouco outra coisa senão simples traduções das das bucólicas de Teócrito; e para completar neste caso a prova, diremos que o próprio *Córídon* da II e da VII égloga fora precedido pelo pastor Córídon do IV idílio, esse interessante zagal que disputou com Bato.

Há mais: o nome de Alexis como significando predileto (em mau sentido) não quer dizer um suposto Alexandre, de quem Virgílio se enamorasse, mas desde muito remota antiguidade foi dado como técnico desses mancebos libertinos. Na *Apologia de Apuleio* (nascido no princípio do século imediato ao de Virgílio) fala este escritor de moços tais, designados com os nomes de Fedro, Aster e *Alexis*, pelo *divino Platão*, que precedeu Virgílio 400 anos. Vejamos tal passo na excelente versão desse opúsculo (geralmente atribuída ao sábio sr. Barão de Villa Nova de Foscôa) :

– « Fiz os meus versos, seguindo o exemplo de Platão. Dele não restam outros senão uma elegia amorosa; todos os mais penso que, por não serem tão graciosos, lançara-os ao fogo. Aprende, portanto, os versos do filósofo Platão ao jovem Aster se, contudo, podes ainda, sendo tão velho, aprender a ler:

« Aster, que outrora, como a estrela Dalva,  
entre os mortais esplendias, hoje morto  
entre os manes como o héspero refulges.  
« Vês os astros do céu, Aster querido. . . .  
Oxalá fosse eu céu! E que pudesse  
Com outros tantos olhos contemplar-te! »

Eis aqui outros, do mesmo Platão e da mesma obra, aos dois jovens, *Alexis* e Fedro:

« Quando disse somente: – « É belo *Alexis!* –  
os olhos para ti volveram todos.  
Infeliz coração! A cães famintos  
mostras o osso pra depois penares!  
Não perdemos assim o caro Phedro? »

Portanto a ideia da égloga foi tomada dos idílios, que lhe serviram de modelo; deles igualmente a série dos pensamentos; o nome de Córídon é o pastor de Teócrito; o de Alexis, do predileto de Platão. Não há sombra de direito para colocar carapuças em quem tão evidentemente as repeliu.

XII. Até diremos que, se em algum lugar frases relativas a Polião têm feito supor que Virgílio jamais se pusesse em cena, sob a máscara de um ovelheiro, não era essa forma condição do gênero, e tanto que no VII idílio, Teócrito, por várias vezes, se apresenta com o seu verdadeiro nome.

XIII. Cremos ficar demonstrado que não há o mínimo fundamento para nodoar a memória de Virgílio, caluniando-o com uma aplicação imoral da II égloga à sua própria pessoa.

Desde que, porém, nos vimos arrastados a dar a esta matéria mais largas dimensões, justo é que ainda por outra face a encaremos.

Ninguém ignora que, embora quase não haja invenção nas églogas de Virgílio, devedoras principalmente da sua glória ao seu tempo, à novidade, ao idioma, à elegância, à correção, ele aproveitou-as, todavia para fins morais e políticos, por meio de alegorias; aspirou a, com ficções, conquistar realidades; seguia assim o caminho apontado até por sua religião, pois a mitologia outra coisa não era senão uma constante alegoria poética nos astros, no céu, na terra e no oceano. Procedeu como dizem de Camões os que na sua *Ilha dos Amores* afirmam não haver mais que uma linguagem figurada.

E quererão os depreciadores do casto Virgílio, que só nesta poesia ele mentisse ao seu sistema, significando então tais versos não uma alegórica ideia moral, mas uma irracional brutalidade física? Não pode ser; e, se nos não enganamos, eis aqui a moralidade dessa poesia, o pensamento que a originou.

Achara o nosso poeta em Teócrito, em muitos lugares, e sob muitas formas, a animadora tese de que no saber, no estudo, na cultura da poesia havia mais real felicidade que no gozo de riquezas e tesouros. Entendeu a conveniência de imitar ainda aí o seu predecessor, *aconselhando o amor das musas*, sendo essa a alegoria de tal égloga.

[p.262]

Já o pensamento de Teócrito no idílio do *Ciclope* (aliás, reproduzido frequentemente) é que não existe contra a febre de amor tal remédio como o comércio das musas:

Οὐδὲν ποττὸν ἔρωτα πεφύχη φάρμαχον ἄλλο,  
Νικία, οὐτ' ἔγχιστον, ἐμὶν δοχεῖ, οὐτ' ἐπίπαστον,  
ἦ ται Πιερίδες

Semelhante introito (aliás também análogo ao epifonema do idílio) terá, desde logo, induzido Virgílio a desenvolver a ideia, calcando a sua égloga sobre esta poesia.

XIV. Quis, pois, o poeta, por uma sustentada metáfora, representar o amor ardente às letras, pregando à juventude que por elas, como ele, se apaixonasse.

Alexis simboliza a mocidade, a quem Virgílio aconselha a cultura do metro, e a quem repreende por se não aplicar com ardor à poesia:

*Nihil mea carmina curas!* Não te importas com os carmes!

At mecum raucis, tua dum vestigia lustrō ,



sole sub ardenti resonant arbusta cicadis.

Toleras que *roucas cigarras atroem a selva, em quanto eu te sigo*. É sabido que este hemíptero, apesar de consagrado a Apolo, não deixava de ser símbolo dos maus poetas, como o cisne o era dos bons. Consequentemente significa este trecho que, longe de se cultivar a boa poesia, só se prestava ouvidos à péssima.

Note-se com quem Córídon se compara: *Canto quæ Amphion*. Anfião, o discípulo do deus, aquele cuja lira divina atraía as pedras com que os muros de Tebas se elevaram.

Para que fim convida o aluno? Para juntos cantarem nos arvoredos, imitando o deus Pan (que preside aos rebanhos, pastores, e poesia campestre), e para tal fim unindo as canas com cera; o que tudo quer dizer, saindo do figurado, o estudo da poesia bucólica.

Qual o presente oferecido por Córídon a Alexis? Uma flauta, essa da qual Desaint disse:

... Sous la main de Pan l'Arcadie a vu naitre  
Les tubes inégaux de la *flûte* champêtre.

São as ninfas, isto é, mulheres que o hão de premiar, o que mal condiria com o pensamento atribuído. Elas lhe dão açafates de lírios, emblemas de candura, inocência e pureza, qualidades antípodas das desejáveis, se outro fosse o sentido.

A Naide lhe oferece violetas, flor que, com a divisa – *É mister procurarem-me* – simbolizava a modéstia, o talento singelo que se esconde, ao derramar perfumes em torno.

E com que orná-lo?

Et vos , o lauri , carpam , et te , proxima myrte;

Isto é, com louros e mirto, emblemas de poéticos triunfos.

Falando da sua residência campesina, diz que nas selvas habitou Páris, o qual nunca foi herói de amores desnaturais, mas sim causa, *por uma mulher*, da ruína de Tróia.

Acrescenta agradarem-lhe principalmente os bosques, por serem domínios de Minerva; e esta, longe de ser deusa de amores, o era de virgindade e sabedoria.

Note-se mais que, em toda a égloga, não transparece a mínima pintura libidinosa; e se o propósito de Virgílio fora qual ousam assacar-lhe, não poderia o assunto poupar-lhe à ponta do estilo um verso ao menos que o revelasse.

XVIII. Não negamos que mais de uma vez aí surge o termo *amor*, porém pouco terá manuseado os autores latinos quem não souber dar a tal palavra outro alcance senão o de lubricidade, ou do que se entende pelas *relações amorosas*. Outras muitas eram as acepções do vocábulo: *Amor laudis* (em Cícero), paixão de glória – *Amor cognitionis* (no mesmo), de saber – *Amor habendi* (em Virgílio), avareza. Quando Cícero escreveu *Pompeius, nostri amores*, não deu à palavra (apesar do famoso epigrama) sentido erótico, etc.

XIX. Poderíamos levar muito mais longe este estudo, porém neste lugar talvez até já seja descabida a extensão que lhe demos, do que pedimos vênia.

Concluimos, repetindo a nossa profunda convicção de não ser mais que uma atroz calúnia a torpe arguição de pederastia, levemente arremessada por tantas gerações à veneranda frente do mantuano.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi possível fazer a comparação que objetivávamos entre a versão portuguesa de Castilho e a tradução de serviço realizada por nós da segunda égloga virgiliana, pois se pretendia estudar as diferenças entre traduzir em prosa e em verso, e como a versão presente no comentário se tratava não de uma versão poética, mas de uma tradução livre, pudemos observar apenas que sua tradução é majoritariamente literal. A fim de melhor visualização, dispomos abaixo dois fragmentos da versão castilhana em comparação com a nossa:

Sobre o verso 1 da segunda égloga:

**Castilho:** “O pastor Córídon amava o formoso Aléxis.” (OVIDIO, 1862, p. 250).

**Tradução de serviço:** O pastor Córídon ardia pelo formoso Aléxis.

Sobre o verso 73:

**Castilho:** “Acharás outro Aléxis, se este te desdenha.” (OVIDIO, 1862, p. 256).

**Tradução de serviço:** Acharás outro Aléxis, se este te despreza.

A escolha vocabular não era, por parte de Castilho, algo que levava em conta aspectos poéticos. Ademais, Castilho José por vezes não traduzia os versos inteiros, e podemos concluir que dessa forma conseguia aproximar ainda mais as traduções que fez de Virgílio e de Teócrito, pois traduzia aquilo que lhe interessava que seu leitor

observasse. Tais recortes podem ser observados na nossa tradução de serviço apresentada em anexo.

Para além disto, acreditamos ter demonstrado a relevância do comentário castilhiano, pois é resultado de estudos dos temas latinos por parte do autor e, ainda, para além do carácter informativo, é veiculador dos valores de sua época, o que nos permite analisar de que maneira se dava a recepção do texto latino no século XIX.

A partir do comentário que constitui nosso *cópus*, podemos constatar que a recepção da segunda égloga de Virgílio foi obtendo significados diferentes desde os antigos romanos até os dias atuais. No caso de Castilho José é marcante a tentativa de banir a interpretação homoafetiva, que não era aceita em sua época. Concluimos, portanto, ser importante a contribuição de Castilho José para a divulgação dos textos latinos no séc. XIX, uma vez que comentários como esse que agora reeditamos foram lidos pelos intelectuais de sua época, o que justifica o estudo desse material, podendo-se ainda estendê-lo a outros comentários presentes na mesma obra em futuros desenvolvimentos desta pesquisa.

## **REFERÊNCIA**

CATULO. **O livro de Catulo**. Trad. J. A. Oliva Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

CHAGAS, P. **Ensaio crítico**. Porto: Typographia Commercial, 1866.

GRIMAL, P. **O Amor em Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BRANDÃO, R. **Húmus**. Lisboa : Vega, s/d

LIMA, A. D. **Possíveis correspondências expressivas entre latim e português: reflexões na Área de Tradução**. Itinerários, Araraquara, n. especial, 13-22, 2003.

LUSITANO, L. C. **As églogas e as geórgicas de Vergílio**. Lisboa: Oficina M. M. da Costa, 1761.

MACEDO, J. M. de Discurso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Vol. 42(59):307-314, 1879.

OVÍDIO. **Arte de amar de Publio Ovidio Nasão**. Tradução de A. F. de Castilho seguidas de comentários de J. F. de Castilho. Rio de Janeiro: Laemmert, 1862. 3 Tomos.

\_\_\_\_\_. **Os amores de P. Ovidio Nasão**. Paráfrase por Antonio Feliciano de Castilho, seguida pela Grinalda Ovidiana, por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858. 11 Volumes.

\_\_\_\_\_. **Os fastos de P. Ovidio Nasão**: com tradução em verso português de A. F. de Castilho seguida de copiosas anotações por quase todos os escritores contemporâneos. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1862. 2 Volumes.

PRIETO, M. H. T. C. U.; PRIETO, J. M. T. C. U.; PENA, A. N. **Índices de nomes próprios latinos e gregos**. Coimbra: Calouste Gulbenkian/JNICT, 199\_.

SPINA, S. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.

SERVIVS. **In Vergilii Bucolica et Georgica Commentarii**. Ed. G. Thilo. Leipsig: Teubner, 1888.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. R. Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

\_\_\_\_\_. **Virgílio brasileiro ou tradução do poeta latino**. Intr., trad. e notas Odorico Mendes. Paris: Remquet, 1858.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

CUATRECASAS, A. **Erotismo no Império Romano**. Trad. de Graziela Rodriguez. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

FARIA, E. **Dicionário Escolar Latino-Português**. Rio: MEC, 1964.

GRIMAL, P. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1966.

LIMA, A. D. **Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método**. São Paulo: EdUNESP, 1995.

NOGUEIRA, E. **Verdade, contenda e poesia nos *idílios* de Teócrito**. São Paulo: Humanitas, 2012.

NÚÑEZ, R. V. Bucolic Uneasiness: A Comparative Study of Translations and Adaptations of Virgil's Second Eclogue in Early Modern England. **BELLS**, n.o 13, Autumn, 2004. Disponível em: <http://www.publicacions.ub.es/revistes/bells13/>. Acesso em 20.10.2013.

SANDRONI, C. **Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa**. 5.a ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2009.

VIEIRA, B. V. G. **FARSÁLIA, de Lucano, cantos I a IV: prefácio, tradução e notas**. 2007. 340 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

\_\_\_\_\_. **Um tradutor de latim sob D. Pedro II**: Perspectivas para a história da tradução da literatura greco-romana em português. In: Revista Letras, Curitiba, n. 80, p. 70-87, jan./abr. 2010. Editora UFPR.

**ANEXO**

## ANEXO 1: Tradução de serviço da segunda égloga.

### *Égloga II*

O pastor Córídon ardia pelo formoso Aléxis, delícias do senhor: [Córídon] nem tinha o que esperar.

Tanto que frequentemente vinha por entre densas faias, de umbrosas copas;

Aí, aos montes e florestas lançava com vão desejo estas coisas confusas:

“Ó cruel Aléxis, tratas como nada meus cantos? Em nada te apiedas de nós?

Por fim, me coagirás a morrer.

Além disso, agora os rebanhos procuram sombras e lugares frescos; agora também o mato esconde verdes lagartos.

E por outro lado Téstiles, aos ceifeiros cansados pelo calor ardente, esmaga alhos e tomilho, ervas perfumadas.

Mas, enquanto eu sigo tuas pegadas, as cigarras roucas ressoam nos arvoredos sob o sol ardente.

Por acaso, não teria sido melhor as tristes iras de Amarílis e sofrer seus soberbos desprezos? Não, por acaso, suportar Menalcas, embora ele fosse negro, embora tu branco fosses?

Ó formoso menino, não confies demais na cor!

Alvas alfenas caem, negros murtinhos são colhidos.

Por ti fui desprezado, e nem perguntas, Aléxis, quem eu seja, quanto eu seja rico em gado, quanto seja abundante em níveo leite.

Mil ovelhas minhas erram nos montes sículos. A mim não falta leite fresco no verão nem no frio.

Canto aquelas coisas que Anfião de Dirceu foi acostumado se houve uma vez em que ele chamava rebanhos.

Nem sou tão feio: ainda há pouco, na praia, me vi, uma vez que o mar estivesse brando pelos ventos. Não temerei a Daphnis, tendo a ti por juiz, se a imagem jamais engana.

Oh, apenas agradasse a ti habitar comigo sórdidos campos e humildes cabanas, e caçar veados e o rebanho de cabritos compelir com o verde hibisco!

Junto comigo, nas florestas, imitarás Pan cantando (Pan primeiramente instituiu unir vários calamos com cera, Pan cuida das ovelhas e dos mestres das ovelhas.). Nem

estejas satisfeito em atritar o lábio delicado no cálamo: quando soubesse essas mesmas coisas, o que não faria Amintas?

É minha flauta composta com sete canos desiguais, a qual Dametas deu a mim de presente outrora, e disse morrendo: “esta tem a ti agora por segundo”. Disse Dametas, invejou o tolo Amintas.

Além disso tenho dois cabritos, por mim descobertos num vale não seguro, com parte branca espalhadas nas peles, por dia esvaziam de dois em dois as tetas das ovelhas; guardo estes para ti. Já há muito tempo Téstiles pede a mim para levá-los; e fará, já que para ti são desprezíveis nossos presentes.

Venha para cá, ó formoso menino: eis que as Ninfas trazem para ti lírios em cheios cestos. Para ti a cândida Naiade colhendo violetas pálidas e as papoulas mais elevadas, o narciso e a flor do endrão entrelaça perfumados; então entremeando também com outras ervas suaves, enfeita os agradáveis mirtilos com a calêndula amarela.

Eu próprio colherei brancas maçãs com tenra penugem, e castanhas que minha Amarílis amava; juntarei ameixas cor de cera (também este fruto terá beleza).

E eu vos colherei, ó loureiros, e a ti, próximo murtinho.

Assim vós dispostos, pois, misturais suaves perfumes.

Rústico és, Córídon, Alexis nem se importa com os presentes, se o disputasses com presentes, nem Iolas te seria inferior. Ai ai, miserável, o que quis para mim?

Perdido, enviei o Austro contra as flores e o javali contra as límpidas fontes. Os deuses e o troiano Páris habitaram a floresta. Que Pallas more nas cidadelas que ela própria fundou; que as florestas agradem a nós, antes de tudo.

A feroz leoa persegue o lobo; o próprio lobo, a cabrita. A alegre cabrita persegue o codeço em flor. A ti, ó Alexis, persegue Córídon: Que seu próprio desejo atraia cada um.

Olha, os novilhos no jugo trazem de volta os arados suspensos, e o sol em descenso duplica as crescentes sombras. Contudo, o amor me consome: que medida de fato teria o amor?

Ah Córídon, Córídon, que loucura te tomou!

A vide te foi cortada ao meio no olmo frondoso. Por que não te preparas mais para ao menos entrançar algo daquelas coisas que o costume quer com vimes e mole junco?

Acharás outro Aléxis, se este te despreza.



